

COMUNICAÇÃO E MISERICÓRDIA

Pedro Vaz Patto



LUISA

Comunicação e Misericórdia: um encontro fecundo – é este o tema da mensagem do Papa Francisco para o próximo Dia Mundial das Comunicações Sociais, que se celebra em maio.

Trata-se de uma abordagem particularmente oportuna para quem se dedica à comunicação social, como nós, que trabalhamos nesta revista. Mas também para quem se empenha na vida política, cívica, associativa ou sindical, ou quem tem por missão denunciar erros e injustiças. Não é raro que nessa denúncia se empregue a agressividade, ou até a ofensa pessoal. E também conhecemos as dificuldades do diálogo, que muitas vezes não passa de um monólogo (ou um *diálogo de surdos*), em que cada um dos interlocutores pretende apenas afirmar as suas ideias, sem escutar o outro e pensa já na resposta a dar-lhe, antes de ele concluir a expressão do seu pensamento.

O que nos diz o Papa nesta mensagem?

«Como gostaria que o nosso modo de comunicar e também o nosso serviço de pastores na Igreja nunca expressassem o orgulho soberbo do triunfo sobre um inimigo, nem humilhassem aqueles que a mentalidade do mundo considera perdedores e descartáveis! A misericórdia pode ajudar a mitigar as adversidades da vida e dar calor a quantos têm conhecido apenas a frieza do julgamento. Seja o estilo da nossa comunicação capaz de superar a lógica que separa nitidamente os pecadores dos justos. Podemos e devemos julgar situações de pecado – violência, corrupção, exploração, etc. –, mas não podemos julgar as pessoas, porque só Deus pode ler profundamente no coração delas. É nosso dever admoestar quem erra, denunciando a maldade e a injustiça de certos comportamentos, a fim de libertar as vítimas e levantar quem caiu. O Evangelho de João lembra-nos que “a verdade [nos] tornarà livres” (Jo 8, 32). Em última análise, esta verdade é o próprio Cristo, cuja misericórdia repassada de mansidão constitui a medida do nosso modo de anunciar a verdade e condenar

a injustiça. É nosso dever principal afirmar a verdade com amor (cf. Ef 4, 15). Só palavras pronunciadas com amor e acompanhadas por mansidão e misericórdia tocam os nossos corações de pecadores. Palavras e gestos duros ou moralistas correm o risco de alienar ainda mais aqueles que queremos levar à conversão e à liberdade, reforçando o seu sentido de negação e defesa».

Trata-se, pois, de distinguir o erro e a pessoa que erra, sem julgar o íntimo da consciência de cada um, onde só Deus entra. Por outro lado, só a correção imbuida de misericórdia toca o coração e leva à mudança; a condenação ríspida tende a reforçar a postura fechada e defensiva de quem erra e se sente agredido com essa condenação.

O diálogo supõe a escuta. Escutar é mais do que ouvir, é passar da informação à comunicação, a qual implica a proximidade. Diz o Papa a este respeito:

«Escutar significa prestar atenção, ter desejo de compreender, dar valor, respeitar, guardar a palavra alheia. Na escuta, consuma-se uma espécie de martírio, um sacrifício de nós mesmos em que se renova o gesto sacro realizado por Moisés diante da sarça-ardente: descalçar as sandálias na “terra santa” do encontro com o outro que me fala (cf. Ex 3, 5)».

Sobre a fecundidade do encontro entre comunicação e misericórdia, diz o Papa Francisco na conclusão desta mensagem:

«O encontro entre a comunicação e a misericórdia é fecundo na medida em que gerar uma proximidade que cuida, conforta, cura, acompanha e faz festa. Num mundo dividido, fragmentado, polarizado, comunicar com misericórdia significa contribuir para a boa, livre e solidária proximidade entre os filhos de Deus e irmãos em humanidade».

Estas palavras levam-nos a um exame de consciência, porque nelas reconhecemos o nosso dever ser de comunicadores. Sabemos que estamos longe desta meta, mas para ela queremos apontar. ●